



# **Unificar os professores contratados com os efetivos, e os trabalhadores da Educação com os explorados em geral**

**Que a direção da Apeoesp convoque a assembleia estadual para discutir as reivindicações e aprovar os métodos de luta!**

**Que o governo pague imediatamente tudo o que deve aos professores!**

**Erguer um programa de reivindicações contra a precarização e o desemprego, em defesa da estabilidade a todos, com a diminuição da jornada, sem redução dos salários**

**Nenhum professor sem aula, nenhum estudante sem escola!**

A assembleia do dia 9 de janeiro reuniu centenas de professores em frente à Seduc, demonstrando, de um lado, a gravidade dos problemas que afligem o magistério paulista, e por outro lado, a disposição de luta dos trabalhadores. A virada de ano, repetindo o que se passou no ano anterior, foi muito difícil para milhares de docentes, devido à incerteza quanto à garantia de emprego, muitos sem receber seus direitos. Na verdade, são vários problemas que, acumulados, têm causado uma grande insatisfação na base da categoria.

A atribuição de aulas se deu, apesar da guerra de liminares, sobre a base de critérios punitivos, principalmente em relação às ausências dos docentes; o concurso tem revelado o seu caráter excludente, além de ter provocado outra disputa judicial, em torno às videoaulas; o governador bolsonarista Tarcísio/ Republicanos cortou verbas da Educação, além de avançar em seu projeto de ensino técnico, medida eleitoreira e que abrirá mais uma fenda para a penetração do capital privado; permanecem de pé o falido Novo Ensino Médio e a Nova Carreira, que significou a quebra de direitos dos professores; há ainda a incógnita da municipalização de 50 escolas, sobre a qual pouco se sabe efetivamente, fato que traz consigo o risco de mais ataques sobre os trabalhadores; por fim, é preciso elencar questões antigas, como o arrocho salarial, o fechamento de salas e turnos, as péssimas condições de trabalho, a violência que recai sobre estudantes e professores, o avanço da privatização, da terceirização etc.

Isso sem contar os aspectos gerais da conjuntura, que acabam recaindo sobre a cabeça dos explorados de conjunto, afetando a vida do professorado, a exemplo das duas guerras em curso, na Palestina e na Ucrânia. Em âmbito nacional, o governo burguês de frente ampla de Lula/Alckmin mantém intacto o conjunto de contrarreformas aprovadas nos governos Temer e Bolsonaro. A reforma administrativa continua na mira

do Congresso Nacional, especialmente devido ao objetivo de eliminar a estabilidade do funcionalismo – vale mencionar que o governador Tarcísio tem se pronunciado na imprensa burguesa, dizendo que fará um “pente-fino” nos cargos do funcionalismo estadual.

Como se vê, a situação é bastante grave. Tamanha ofensiva do governo e da burguesia sobre os trabalhadores devia encontrar no sindicato um opositor ferrenho. Mas, não é o que se passa. A direção do sindicato, ligada principalmente ao PT, empunha uma política de conciliação de classes, apostando todas as fichas nos recursos à Justiça burguesa, no método falido da pressão parlamentar, nos inócuos atos simbólicos e nas denúncias eleitoreiras pelos meios virtuais, um caminho que já levou os trabalhadores a inúmeras derrotas, como vimos na aprovação das contrarreformas trabalhista e previdenciária, da Nova Carreira, na aplicação do NEM e em muitas outras situações.

A linha de preparar a greve, como anunciado pela direção sindical na assembleia de 9/1, tem de ser conduzida de forma séria, não pode, em hipótese alguma, ser usada como mais uma bravata, ou como moeda de troca nas negociações com o governo. Os professores necessitam de uma assembleia de toda a categoria, para unificar a luta. É inadmissível, diante de um contexto de tantos ataques, qualquer ação que divida os trabalhadores. A nossa força resulta da ação coletiva, massiva e organizada. Ao contrário da política de conciliação de classes levada a cabo pela direção da Apeoesp, nossa política deve ser a da independência de classe.

***A Corrente Proletária na Educação defende que se levante uma luta unitária, de toda a categoria, em defesa dos empregos, dos salários e direitos, e os nossos métodos devem ser os métodos históricos da classe operária, ou seja, a ação direta das massas, a greve, as ocupações, os bloqueios de avenida, os atos multitudinários etc.***